



DOI: <http://dx.doi.org/10.22484/2177-5788.2016v42n2p375-393>

Bullying e cyberbullying: duas faces da mesma realidade¹

Karen Regina Salgado
Elaine Prodócimo

Resumo: Vivemos numa sociedade marcada pela apropriação das funcionalidades tecnológicas, em que a ciência rege os segmentos sociais quebrando e ultrapassando os espaços temporais existentes entre os corpos. Habitualmente, os aparelhos eletrônicos são muito utilizados pelos jovens e com isso novos modos de maltratar, hostilizar e humilhar o próximo surgiram, e foram denominados cyberbullying. A respeito do assunto, realizamos uma pesquisa por meio de questionário com 74 alunos do ensino médio de uma escola pública e buscamos compreender as diferenças entre bullying e cyberbullying do ponto de vista dos sujeitos; de que maneira se manifestam na escola; e como a escola poderia agir para controlar a prática do cyberbullying. Os resultados apontaram um maior conhecimento sobre o bullying, mais divulgado nas escolas e pela mídia; entre as ações a serem realizadas pela escola estão maior informação e conscientização dos alunos sobre o fato.

Palavras-Chaves: Cyberbullying. Bullying. Escola. Violência escolar.

Bullying and cyberbullying: two sides of the same reality

Abstract: We live in a society blighted by the appropriation of technology features, on which science governs social segments breaking and surpassing timelines between the bodies. But there is a other hand of this fact: the technology is used by students and consequently new ways to abuse, harass and humiliate the next came and made us to understand that there are other possibilities to practice bullying, cyberbullying. Regarding cyberbullying, we conducted a research with 74 high school students in a public school in Brazil to understand differences between bullying and cyberbullying using a questionnaire, how are manifested in school and how the school could act to controlling the practice of cyberbullying. The results showed a greater knowledge about bullying, most publicized in schools and the media, among the actions to be taken by the school are more informations and awareness among students about the fact.

Keywords: Cyberbullying. Bullying. School. School violence.

¹ Trabalho originalmente apresentado no GP Semiótica da Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



Introdução

Pesquisas vêm sendo desenvolvidas apontando o fenômeno bullying como uma das formas de violências que mais tem gerado preocupações e discussões por parte de pais, alunos, educadores e investigadores, como Cerezo (2009), Salmivalli e Peets (2009) e Prodócimo et al. (2014). Para Olweus (2001), o bullying caracteriza-se por comportamento de abuso de poder entre pares, configurando-se como algo intencional e repetitivo com objetivo de prejudicar o outro, causando. Segundo Fante (2005), consequências marcantes naqueles que sofrem silenciosamente este tipo de violência.

Atualmente, vivemos em uma sociedade abalizada pela expansão dos meios tecnológicos no decurso da cibercultura, que é caracterizada como uma cultura contemporânea expressada pela tecnologia digital, sendo resultado da “relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias” (LEMOS, 2008, p. 11). Introduzida de forma tão natural no seio da sociedade, a cibercultura é a principal responsável pela quebra das barreiras espaços-temporais entre as pessoas, implicando em novas formas de socializações criando laços “nunca imaginados entre o homem e a máquina, o homem entre os outros homens e entre o homem e o mundo” (PINHEIRO, 2009, p. 21) rumo à sociedade da informação.

É nessa sociedade da informação, segundo Cruz (2011), que vivemos submergidos em meio às tecnologias do cotidiano, influenciando uma geração interativa de crianças e adolescentes conectados ao uso dos telefones celulares e de dispositivos dependentes da Internet, abarcando desde o ambiente familiar até as instituições de ensino que as adotam como recurso pedagógico para o processo de ensino e aprendizado dos alunos. Por outro lado, para Pinheiro (2009), nesta mesma sociedade da informação, a tecnologia também influenciou o fenômeno bullying, surgindo uma nova forma de praticá-lo por meio da utilização dos aparelhos tecnológicos, denominada cyberbullying.

Neves e Pinheiro (2009) afirmam que tanto o bullying quanto o cyberbullying são violências complementares como se fossem duas faces de uma mesma realidade. E alusivo a estas duas formas de violência escolar, desenvolvemos um estudo com o objetivo de investigar o conhecimento da temática em um grupo de alunos do ensino médio de uma escola da rede pública estadual de ensino do município de Campinas-SP, buscando compreender de forma mais específica: como os alunos diferenciam o bullying do cyberbullying; se já sofreram,



observaram ou cometeram estas formas de violência; de que maneira se manifestam na escola; de que maneira a escola poderia agir para controlar a prática do cyberbullying.

Cyberbullying: A violência virtual que ultrapassa as barreiras espaços-temporais entre os indivíduos

O cyberbullying, conforme Faustino e Oliveira (2008), é entendido como a ocorrência do bullying no ciberespaço, caracterizando-se como uma violência virtual relacionada à apropriação do uso de uma variada gama de tecnologias digitais, a fim de produzir, segundo Maidel (2009), constrangimentos morais e psicológicos à vítima. Entendemos que o cyberbullying se apresenta como uma vertente do bullying, que, ao invés de ocorrer face a face, ocorre virtualmente, tendo o mesmo objetivo de causar dor, angústia e sofrimento por meio de atitudes violentas que magoam, hostilizam e ridicularizam a vida dos outros alunos.

Podemos pontuar que, analogamente ao fenômeno bullying, cada pessoa envolvida no fenômeno cyberbullying desempenha determinados papéis que são identificados pelos nomes: autor, agressor ou cyberbully; alvo, vítima ou cibervítima; e espectador.

Com relação aos agressores caracterizam-se por sentirem-se superiores, ao mesmo tempo em que se colocam no direito de intimidar, e, da mesma forma, “existem os alvos desse tipo de agressor, que acreditam ser diferentes ou até mesmo inferiores” (BOZZA, 2010, p.33). Há os vingadores, ou vítimas-agressoras, que são os indivíduos que são ou já foram agredidos por outros e que utilizam a Internet para se vingar fazendo justiça “com o próprio mouse”. Segundo Neves e Pinheiro (2009) podemos distinguir dois tipos de agressores: os cyberbullies “acidentais” e os “adictos”. Os cyberbullies acidentais, para Neves e Pinheiro (2009), se caracterizam por utilizar as tecnologias com a intenção de caçoar ou de se vingar de uma pessoa, em ação pontual, enquanto que os cyberbullies adictos são aqueles que praticam o cyberbullying pelo puro e simples prazer de perseguir a vítima psicologicamente, sentindo que está no controle sobre esta.

A cibervítima é aquela que recebe as agressões virtuais e o espectador corresponde a um público *online* infinito que compartilha informações e encoraja o cyberbully, ou simplesmente o observa e ignora as intimidações sofridas pelo alvo, conforme Fante e Pedra (2008), ajudando-o em nada a livrar-se do assédio virtual.



Apesar de existirem características similares entre os fenômenos, podemos constatar algumas diferenças entre bullying e cyberbullying, principalmente no que se refere à repetição das agressões e ao anonimato. Ao passo que, para Bozza (2010), no bullying é preciso que as ações sejam recorrentes para considerá-las como manifestações do fenômeno, no assédio virtual o mesmo não ocorre em decorrência das possibilidades de multiplicação e visualização dos fatos entre os sujeitos. Uma única postagem pode ser amplamente visualizada.

Pela ausência física durante o ato violento, o cyberbully, segundo Amado, Matos e Pessoa (2009), considera que pode esconder-se ou manter-se distante da vítima, sentindo-se protegido por uma sensação de anonimato, pois o autor tem a opção de se fazer passar por outra pessoa ao adotar *nicknames* (nomes fictícios) criando uma nova identidade por detrás da tela do computador, espalhando rumores e boatos cruéis e desagradáveis que alimentam as intrigas e as “fococas” entre os amigos de classe, de seus familiares e até mesmo dos profissionais que trabalham na escola, segundo Fante e Pedra (2008), fazendo com que as relações de poder entre os envolvidos ocorram diferentemente quando comparadas ao bullying tradicional. Podemos pontuar que tanto a vítima, segundo Ponte e Cardoso (2009), quanto o agressor podem ser a mesma pessoa em contextos diferentes, ocasionando inversões de papéis entre os envolvidos, pois no cyberbullying, para Maidel (2009), ser agressor não se relaciona com a diferença de idade, tamanho ou força, desenvolvimento físico ou emocional, como o que ocorre com o bullying propriamente dito, em que o agressor tende a ser um colega mais forte fisicamente.

O cyberbullying é considerado mais nefasto que o bullying. Isso ocorre, segundo Pérez, et al. (2009), tanto pela rápida velocidade de difusão das informações no ciberespaço quanto pela grande dificuldade em tirar as difamações da rede virtual que acompanham a cibervítima por todo lugar, permanecendo registradas e disponíveis “a todo um universo online, podendo vir a desencadear ou motivar embaraços e humilhações (talvez até novos ataques) na rede social recém inaugurada e, mesmo, angústia e constrangimento ao longo de sua vida” (MAIDEL, 2009, p. 117), pois tudo o que é publicado nos meios eletrônicos, para Pinheiro (2009), deixa de estar sob o controle, podendo ser copiado e divulgado nos padrões originais do autor ou em padrões totalmente discrepantes da informação original. Sendo assim, as ações do cyberbullying, conforme Neves e Pinheiro (2009), podem ocorrer graficamente pelo uso



inapropriado de imagens e também verbalmente e psicologicamente por meio da retransmissão de informações falsas sobre a vítima.

Apesar das intimidações do cyberbullying ocorrerem em um mundo virtual, as consequências e os impactos das agressões são sentidos na vida real de crianças e adolescentes, da mesma forma que a vitimação do bullying. Por conta dessa exposição sobre a vida do aluno, o bullying virtual gera muitas consequências às cibervítimas afetando a socialização e autoestima, uma vez que a vítima tende a se isolar para se proteger de ataques novos, e prejuízos à aprendizagem, entre outros fatores pela queda na atenção da criança. Quando é sabido que o cyberbullying tem origem escolar, o indivíduo procura faltar às aulas e, em casos extremos, pode até mesmo culminar em suicídio e automutilação pelas cibervítimas mais vulneráveis. Também existe, conforme Maidel (2009), um embate sobre a saúde física e emocional da vítima, manifestadas por sintomas como: ansiedade, depressão, tristeza, estresse, medo, apatia, raiva reprimida, dores de cabeça e estômago, angústia, distúrbios do sono, perda de apetite, isolamento, dentre outros.

Sabemos que o cyberbullying é um tema considerado relativamente novo na literatura, assim, realizamos o presente estudo a fim de investigar e contextualizar a existência do bullying e cyberbullying no ambiente escolar.

Método

O método escolhido foi de caráter exploratório e quali-quantitativo por meio da aplicação de questionários. Optou-se, conforme Lüdorf (2004), pela utilização do questionário por conta desse instrumento de pesquisa conseguir atingir um grande número de indivíduos além de ser apropriado para investigar assuntos gerais alusivos ao bullying e ao cyberbullying.

A pesquisa foi desenvolvida com 74 alunos do ensino médio de uma única instituição estadual de ensino do município de Campinas, localizada no interior do estado de São Paulo. O período de aplicação do instrumento foi de um dia e executada no período matutino da escola participante. Destacamos que a escolha por tal instituição deu-se por conveniência, advinda de vínculos anteriores das pesquisadoras ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID concretizado nessa mesma instituição. Foi solicitada à direção da escola, que



recebeu todas as informações pertinentes à pesquisa, autorização para o desenvolvimento do estudo com os alunos dessa unidade escolar.

A média de idade dos participantes foi de 16,5 anos e 59,5% da amostra era do gênero feminino e 40,5% do masculino. Houve o envolvimento de cinco turmas do ensino médio, sendo uma do 1ºano, duas do 2ºano e duas do 3ºano, para obtermos uma amostra equilibrada quanto ao número de estudantes e seu respectivo nível escolar.

Foi facultado ao professor responsável pela turma a presença durante a aplicação do instrumento. Os próprios pesquisadores aplicaram o questionário nas cinco turmas participantes. Após a entrega do instrumento, foi procedida uma breve apresentação do estudo aos alunos que foram informados que se tratava de um questionário individual e anônimo sobre o bullying e cyberbullying. Foi reforçado que não existiam respostas certas ou erradas, pois o objetivo do estudo era compreender o que eles sabiam sobre o assunto investigado e deixada a participação dos alunos à vontade, sem obrigar ninguém a responder o instrumento. Não houve nenhuma rejeição à pesquisa pelos alunos presentes em suas salas de aulas. Nenhuma informação extra foi dada durante a permanência dos pesquisadores nas classes, evitando qualquer influência sobre as respostas fornecidas pelos sujeitos.

O questionário está organizado em duas partes principais, sendo a primeira referente a informações pessoais: idade, gênero, série, tempo de estudo na respectiva escola e opinião sobre o relacionamento com os colegas com as opções de respostas: bom, ruim e nem tão bom e nem tão ruim; ao passo que a segunda parte compõe-se de 23 questões abertas e fechadas que visam analisar: o conhecimento do sujeito sobre o bullying e o cyberbullying; o fato de haver sofrido, observado ou praticado bullying e/ou cyberbullying; a percepção do sujeito sobre o que ocorre em sua escola em relação ao bullying e ao cyberbullying; e o que a escola deve fazer em casos de ocorrência de cyberbullying. Foram propostas 10 questões fechadas; 9 mistas, com uma primeira questão fechada e a solicitação de uma explicação com pergunta aberta, exemplo, você já sofreu bullying, sim ou não? Se sim, o que sentiu? E 4 questões abertas, como exemplo: como a escola deve agir em caso de cyberbullying?

Os dados foram analisados de maneira descritiva no caso das questões fechadas, por meio de porcentagens; para as questões abertas as respostas foram agrupadas em categorias por similaridade de conteúdos, de acordo com Laville e Dione (1999).



Resultados e discussões

Na primeira parte do questionário foi feita uma caracterização da amostra. Averiguou-se que 21,6% estudam na respectiva escola há menos de um ano, 70,3% há mais de um ano e 8,1% não responderam à pergunta. Referente a como são percebidos os relacionamentos entre os participantes desse estudo, constatou-se que 81,1% classificaram como *bom*, 10,8% como *nem tão bom nem tão ruim* e 10,8% não responderam ao questionamento. Nenhum aluno respondeu que o seu relacionamento entre os colegas é *ruim*. Em comparação com estudo realizado também no Brasil por Grossi e Santos (2009), no qual 56,3% dos sujeitos consideraram a convivência ótima ou boa, os sujeitos do presente estudo demonstraram melhores percepções dos relacionamentos com os colegas.

Partindo do pressuposto de que o cyberbullying, conforme Neves e Pinheiro (2009), é uma derivação do bullying, só que por meio das novas tecnologias de comunicação, tratou-se conjuntamente das questões que permitiram comparações entre os fenômenos bullying e cyberbullying. Nesse sentido, investigou-se que 95,9% da amostra ouviram falar do fenômeno bullying e apenas 39,2% ouviram algo sobre o cyberbullying. Para Neves e Pinheiro (2009), o cyberbullying é ainda um assunto pouco conhecido, mas com efeitos que podem trazer muitas preocupações a todos, por conta da expansão dos aparelhos tecnológicos na cibercultura atual.

Alguns exemplos de respostas dadas sobre o cyberbullying: “Que acontece diversas ofensas, constrangimentos, calúnias, é um crime grave na minha opinião. Ocorre na internet e em diversos sites sociais, e de relacionamentos”, “Cyberbullying é quando pessoas são agredidas via internet, através de ameaças anônimas, contas hackeadas e etc” e “É exatamente o bullying só que na internet”. Sobre esse aspecto Amado, Matos e Pessoa (2009) afirmam que o cyberbullying se constitui como uma nova expressão do bullying indireto, estabelecido com o recurso de dispositivos eletrônicos. Ponte e Cardoso (2009, p. 1) entendem o cyberbullying por “envolver o uso de tecnologias da informação para intimidar, incomodar, vitimizar ou agredir um indivíduo ou grupo de indivíduos”, e Belsey (2006 apud CRUZ, 2011, p. 4) explica o cyberbullying como o “uso de tecnologias de comunicação e informação como forma de levar a cabo comportamentos deliberados, repetidos, hostis contra um indivíduo ou grupo, com a intenção de causar dano”. Comparando os conceitos apresentados pelos autores é possível confirmar a existência de uma aproximação entre os fenômenos bullying e cyberbullying, fato



também encontrado e manifestado pelos participantes desta pesquisa que afirmaram ter conhecimento do fenômeno.

Em relação ao envolvimento com o bullying e cyberbullying, foi encontrado entre os sujeitos autores, vítimas e espectadores, tendo uma maior prevalência de envolvidos com o bullying do que com o cyberbullying. As referidas informações podem ser visualizadas na tabela 1.

Tabela 1 - Tabela comparativa entre os fenômenos Bullying e Cyberbullying

| | <i>Praticou?</i> | | <i>Sofreu?</i> | |
|------------------------|-------------------------------------|---------------|-----------------------------------|---------------|
| | Bullying | Cyberbullying | Bullying | Cyberbullying |
| Sim | 21 28,0% | 3 4,0% | 36 49,0% | 3 4,0% |
| Não | 53 72,0% | 68 92,0% | 38 51,0% | 67 91,0% |
| Não responderam | 0 | 3 4,0% | 0 | 4 5,0% |
| | <i>Conhece alguém que praticou?</i> | | <i>Conhece alguém que sofreu?</i> | |
| | | | | |
| Sim | 50 67,6 % | 9 12,0% | 63 85,0% | 12 16,0% |
| Não | 22 29,7% | 62 84,0% | 11 15,0% | 55 74,0% |
| Não responderam | 2 2,7% | 3 4,0% | 0 | 7 9,0% |

Fonte: Elaborada pelas autoras.



Sobre o cyberbullying, 4,0% da amostra assumiram o papel de agressor e em números absolutos foram 3 sujeitos, sendo um de cada ano de escolaridade do ensino médio, sendo dois garotos e uma garota. Em relação às cibervítimas, também 4,0% dos entrevistados foram vítimas do bullying virtual. Cabe ressaltar que todas as cibervítimas desse estudo apresentaram conhecimentos sobre o cyberbullying e todos os sujeitos eram pertencentes à turma do segundo ano do ensino médio, sendo um garoto e duas garotas. Todas as vítimas de cyberbullying também se manifestaram vítimas de bullying. Apesar do número de agressores e vítimas de cyberbullying ter sido reduzido, estas informações podem ser comparadas aos dados obtidos no trabalho de Pérez et al. (2009), que constatou uma maior presença de agressores do sexo masculino, além de expor que as meninas sofrem mais com estas agressões que os próprios meninos. Já os participantes de bullying foram mais frequentes, 28,9% agressores e 49,9% vítimas. Esses dados contrastam com as informações adquiridas em estudo em escola portuguesa realizado por Freire, Simão e Ferreira (2006), em que apenas 2,5% da amostra se manifestaram como agressores e 4,5% como vítimas de bullying, e também com outro estudo realizado em 17 escolas no Brasil, por Prodócimo et al. (2013), em que 22,13% dos sujeitos foram considerados vítimas de bullying.

O cyberbullying, conforme Pinheiro (2009), muitas vezes é praticado como forma de divertimento por parte do agressor. Este caráter lúdico é desfrutado principalmente pelo cyberbully e por aqueles que contribuem para a sua prática. No presente estudo, uma situação ocorrida foi relatada pessoalmente por uma aluna após a aplicação do questionário, em conversa com as pesquisadoras, sobre o fato de alguns alunos do segundo ano do ensino médio tecerem comentários a respeito de uma foto postada em um site de relacionamentos. A foto era alvo de muitas gargalhadas e de piadas maldosas e maliciosas entre os que a comentavam. Entre as falas debochadas dos discentes, uma aluna daquela mesma turma questionou a colega que postou a foto se ela não iria retirá-la da rede de relacionamentos, e a menina autora do cyberbullying respondeu: *“Eu não... Vou deixar a foto para todo mundo continuar ‘zoando’, pois ela merece, ela é folgada”*. Refletindo sobre o episódio descrito, é possível analisar que o caso relatado exemplifica uma prática do cyberbullying na escola investigada, pois a foto foi usada pelos colegas de forma intencional para humilhar, difamar e constranger a colega. Ainda outro fato relatado no questionário refere-se à resposta de uma aluna do terceiro ano: *“Uma garota que*



optou por um estilo diferente, cabelos coloridos e roupas diferentes. Sofre cyberbullying por isso, uma comunidade no Orkut foi criada especialmente para agredi-la, tem mais de 800 membros”.

Segundo Ponte e Cardoso (2009, p. 3), o cyberbullying necessita da presença dos espectadores, uma vez que “a divulgação massificada de imagens ou informações privadas ou perturbadoras funciona na medida em que estas são vistas”. Fato também constatado no bullying, em que a presença de espectadores é um fator reforçador.

Analisando os espectadores de ambos os fenômenos, 12,0% da amostra alegaram conhecer agressores de cyberbullying e 67,6% de bullying, ao passo que 16,0% responderam que conhecem vítimas de cyberbullying e 85,0% de bullying. Essa diferença nos índices pode ser justificada pelo desconhecimento do bullying virtual por parte dos escolares, como pôde ser verificado no estudo. Houve um maior conhecimento de agressores e de cibervítimas pelos alunos do segundo ano do ensino médio.

Mason (2008 apud BOZZA, 2010) expõe que existem espectadores que ajudam na disseminação das mensagens, apoiando e encorajando o agressor, como também há os que somente observam toda a cena sem se manifestar em defesa da vítima.

Outro fato importante revelado no estudo diz respeito à existência de cibervítimas que desempenharam atitudes de agressores virtuais, o que demonstra as inversões de papéis entre os envolvidos oriundos da inexistência de relações de poder entre agressor e vítima, diferentemente do que ocorre no bullying. Ora, se no fenômeno bullying os mais fortes violentam os mais fracos, no cyberbullying, os mais fracos protegidos pela sensação de anonimato, exercem o mesmo tipo de violência e de domínio para com o mais forte, conforme Amado, Matos e Pessoa (2009), uma vez que não se relaciona com “a diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional” (MAIDEL, 2009, p. 116) ao ser escolhido por igual entre pares.

Focando a pesquisa sobre o acontecimento do bullying e do cyberbullying na escola estudada, 41,9% da amostra afirmaram reconhecer a existência de bullying e 5,4% declararam que o cyberbullying é habitual no ambiente escolar.



Apesar das ações do cyberbullying se limitarem ao mundo virtual é na escola que repercutem, pois “o cyberbullying pode não decorrer na escola, mas as vítimas desta prática sofrem consequências em contexto escolar” (BHAT, 2008 apud PONTE; CARDOSO, 2009, p. 4).

Refletindo sobre a escola, os participantes foram questionados sobre o que eles fariam se algum colega fosse vítima de bullying e cyberbullying. Esta questão foi elaborada em formato aberto, permitindo ao aluno responder da forma que considerasse pertinente, o que possibilitou respostas com mais de uma atitude frente à situação, justificando o número maior de respostas em relação ao número de sujeitos. Nos dados apresentados na tabela 2, as porcentagens foram calculadas em relação ao total de sujeitos.

Tabela 2 - Resposta dos sujeitos sobre ações em caso de bullying.

| Medidas que os alunos tomariam numa situação de bullying | Frequência | Porcentagem (%) |
|---|-------------------|------------------------|
| Ajudariam, apoiariam e aconselhariam o colega a lidar com a situação. | 37 | 50,0% |
| Pediriam ajuda à direção da escola ou a um responsável denunciando as ações | 19 | 25,7% |
| Defenderiam | 7 | 9,5% |
| Não fariam nada | 6 | 8,1% |
| Não sabem | 5 | 6,8% |
| Pediriam a vítima para se afastar agressor | 4 | 5,4% |
| Pediriam ao agressor para parar com as ações | 4 | 5,4% |
| Outros | 3 | 4,0% |
| Não responderam | 7 | 9,5% |

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Analisando as respostas obtidas, 8,1% sujeitos disseram que não tomariam nenhuma medida e essa atitude pode ser associada ao fato do indivíduo sentir medo de se tornar um alvo futuro do agressor, assumindo um comportamento de autoproteção (FANTE; PEDRA, 2008; GROSSI; SANTOS, 2009).

Uma das medidas que despertou a atenção fez referência a denunciar a situação ao pedir ajuda a um responsável e/ou a própria direção escolar. Segundo Fante (2005), o reconhecimento do problema por parte de algum responsável é relevante e aflora a esperança de uma possível interrupção das intimidações para a vítima. Contudo, um participante do segundo ano, relatou



que não pediria ajuda à escola para resolver o conflito, justificando que a mesma não tomaria nenhuma providência com relação ao assunto. De acordo com as autoras Tognetta e Vinha (2008), frequentemente os educadores não estão muito atentos a este tipo de intimidação, uma vez que as agressões não os atingem diretamente, pontuando que “infelizmente, as atenções dos adultos que educam estão voltadas às formas de indisciplina, ou mesmo aos constantes desinteresses dos educandos às matérias escolares” (TOGNETTA; VINHA, 2008, p.4). Para contextualizar, o comentário de um aluno reflete a situação: “*Tentaria ajudar porque a própria palavra diz ‘colega’, procuraria a diretora, embora achasse que não fariam nada para resolver*”.

A mesma pergunta foi feita aos participantes em relação ao cyberbullying. Novamente a questão foi elaborada em formato aberto o que possibilitou respostas com mais de uma atitude. Dados apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 - Resposta dos sujeitos sobre ações em caso de cyberbullying.

| Medidas que os alunos tomariam numa situação de cyberbullying | Frequência | Porcentagem (%) |
|--|-------------------|------------------------|
| Ajudariam, apoiariam e aconselhariam o colega a lidar com a situação | 25 | 33,8% |
| Denunciariam os agressores nos órgãos legais como a polícia. | 8 | 10,8% |
| Pediriam ajuda a um responsável ou a própria direção escolar | 5 | 6,8% |
| Pediriam ao colega para se afastar do agressor | 5 | 6,8% |
| Não fariam nada | 4 | 5,4% |
| Defenderiam o amigo | 1 | 1,4% |
| Outros | 2 | 2,7% |
| Não sabem | 20 | 27,0% |
| Não responderam | 19 | 25,7% |

Fonte: Elaborada pelas autoras.



O número de respostas foi menor para o cyberbullying do que havia sido para o bullying, o que era esperado em função do menor conhecimento do fenômeno, contudo, mesmo alguns alunos que responderam que não sabiam o que era cyberbullying responderam sobre como agiriam, possivelmente, associando-os pela similaridade entre os nomes. Porém, 52,9% dos sujeitos não responderam a questão ou responderam que não sabem como agiriam em uma situação de cyberbullying. Houve semelhanças nas ações apontadas pelos sujeitos em relação às duas formas de violência, contudo, a denúncia a órgãos legais foi apontada exclusivamente ao cyberbullying. Fante e Pedra (2008) afirmam que uma das atitudes mais corretas que se deve adotar é a denúncia e apenas 10,8% entrevistados citaram que denunciariam um suposto autor do cyberbullying. Segundo a SaferNet Brasil (2011) todos os conteúdos que possam violar os direitos humanos devem ser denunciados em uma Delegacia Especializada em Crimes Cibernéticos. Caso a vítima não encontre esta delegacia, deve procurar qualquer delegacia de polícia ou a Promotoria da Infância e Juventude, para fazer um boletim de ocorrência sobre os delitos ocorridos na internet, pois, de acordo com o Código Penal, os crimes virtuais podem e devem ser punidos da mesma forma que os do mundo real.

Os crimes virtuais são investigados e, se for condenado, o autor pode ser preso. De acordo com Fante e Pedra (2008, p. 73):

Segundo especialistas da Safernet Brasil, a lei confere somente exclusivamente à vítima a legitimidade para a propositura de ação penal privada. Dentre os crimes dessa natureza, estão os crimes contra a honra: injúria (art. 140 do Código Penal); calúnia (art. 138 do Código Penal) e difamação (art. 139 do Código Penal). Portanto, a vítima de cyberbullying deve reunir todas as provas possíveis. Para isso, deve salvar e imprimir o conteúdo das páginas ou o conteúdo do diálogo dos agressores numa sala de bate-papo.

É necessário que as provas tenham fé pública para serem validadas, ou seja, ara Fante e Pedra (2008), é preciso registrá-las em cartório, para comprovar a sua existência, pois o autor pode retirá-las do ciberespaço ou removê-las para outro endereço eletrônico. Segundo os mesmos autores, outro procedimento importante é notificar o prestador de serviços da Internet sobre os conteúdos ilegais, inapropriados e ofensivos, para que o mesmo seja removido da rede mundial de computadores.



Fante e Pedra (2008, p. 72) ressaltam que “ninguém difama um(a) colega de escola, cria uma comunidade numa rede social para ridicularizar os aspectos negativos do outro ou pega senha do colega para enviar mensagens intimidadoras sem que tenha a intenção de causar-lhe algum tipo de dano”.

Qualquer pessoa está sujeita a ser uma cibervítima, uma vez que ela “é escolhida entre seus iguais, sem motivos que justifiquem a perversidade dos ataques” (FANTE; PEDRA, 2008, p.68). Segundo Pérez et al. (2009), o cyberbullying é muito mais constrangedor que o bullying, em função da natureza móvel das tecnologias que o configuram como uma forma invasiva de violência ao transferir as ações da escola para fora dos muros escolares, uma vez que as informações ficam registradas permanecendo disponíveis a todo um mundo online (MAIDEL, 2009).

Inúmeras são as causas que colaboram para as práticas do cyberbullying, como a ausência de limites, a insensibilidade, a insensatez, a certeza de impunidade e o anonimato, além de que a própria “falta de denúncia dos casos estimula a ação dos praticantes e impede a ação das autoridades e a aplicação das leis, bem como a elaboração de políticas públicas emergenciais que priorizem a contenção desse grave problema endêmico” (FANTE; PEDRA, 2008, p. 69), convertendo-se em um fenômeno psicossocial preocupante tanto para os internautas, como para quem utiliza os telefones celulares no seu cotidiano.

O cyberbullying pode acontecer na escola e os educadores devem estar preparados para intervir nas suas manifestações, pois “a figura do educador: É indispensável, na medida em que caberá a ele prestar os esclarecimentos necessários sobre a problemática, sugerir medidas de prevenção e de acção, orientar projetos de investigação-acção” (AMADO; MATOS; PESSOA, 2009, p. 266) compondo-se como uma necessidade para uma educação orientada de comportamentos seguros no ambiente online. Assim, 86% da amostra desse estudo também acreditam que os professores devem ter consciência sobre a existência do bullying virtual entre os escolares e ao serem indagados sobre que atitudes as instituições escolares poderiam exercer numa dada situação de revelação do cyberbullying, obteve-se respostas diversificadas conforme dados apresentados na Tabela 4.



Tabela 4 - Medidas apontadas pelos alunos com relação à escola e ao cyberbullying.

| Cyberbullying e as Instituições Escolares | Frequência | Porcentagem (%) |
|---|-------------------|------------------------|
| Conscientização por meio de palestras e informações sobre o cyberbullying | 21 | 28,4% |
| Alertar, aconselhar, orientar o uso da Internet segura | 9 | 12,2% |
| Denunciar | 4 | 5,4% |
| Não pode fazer nada | 4 | 5,4% |
| Punir o agressor | 3 | 4,9% |
| Monitorar o uso da Internet | 1 | 1,4% |
| Não sabem | 20 | 27,0% |
| Não responderam | 20 | 27,0% |

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Como ocorrido em relação à ação mediante o sofrimento do colega, 54% dos sujeitos não respondeu a questão ou respondeu que não sabem como a escola deveria agir. A conscientização, o levantamento de informações e a orientação são medidas complementares umas às outras e necessitam ser desempenhadas nas escolas, porém é necessário esclarecer que mesmo que a maioria dos casos de cyberbullying não ocorra no interior das instituições de ensino, os educadores precisam estar atentos para as relações interpessoais, pois tudo se inicia com uma “piadinha” na sala de aula que pode ser levada para alguma comunidade virtual ou até mesmo, produzir assuntos entre os colegas nos comunicadores instantâneos, como o MSN, Google Talk, Whatsapp e outros, segundo Fante e Pedra (2008), transformando numa perseguição infinita do assédio virtual. A prevenção é o melhor caminho e deve ser iniciada nas escolas, em parceria com a família e com a comunidade, segundo os mesmos autores, por meio da criação de oportunidades de discussão da temática. Segundo Maidel (2009, p. 118):

Dada as implicações e alcance dessa modalidade de violência, também se faz primordial uma ação sistemática e prolongada de toda a sociedade, para oportunizar a mudança de aspectos culturais intimamente relacionados a aceitação e respeito que se deve ter com relação a todo e qualquer tipo de diversidade humana - pois o melhor meio de evitar comportamentos como o cyberbullying é estimular a conscientização e o respeito incondicional as diferenças em tenra idade.



Por meio do respeito com o outro é que o indivíduo poderá crescer em um meio social positivo na construção das suas características em prol de ações responsáveis estabelecidas na sociedade.

Considerações finais

Sabemos dos benefícios proporcionados pelos dispositivos digitais nos diferentes âmbitos da vida, e frente a esta realidade, os educadores também devem se preocupar com a contextualização do cyberbullying no espaço escolar e procurar formas para lidar com as interações entre os alunos. Também devemos associar a ideia de que comentários feitos em sala de aula podem estar impregnados de sentidos e significados que nos dizem de algum possível sofrimento de um aluno vítima, ou para aquele que se mostra como agressor ao se vangloriar de suas atitudes inescrupulosas.

O objetivo deste estudo foi investigar o conhecimento dos alunos sobre a existência do bullying e principalmente do cyberbullying. Este trabalho contou com a participação de um grupo de alunos do primeiro, segundo e terceiro anos do ensino médio e refletiu-se sobre o que eles pensam sobre o assunto pesquisado. Por meio dos dados obtidos nesta pesquisa, pôde-se contribuir para a temática do bullying virtual, uma vez que os resultados obtidos foram próximos aos dados adquiridos em outros estudos do meio acadêmico. É necessário destacar que mais estudos sobre o assunto devem ser realizados para que possamos intervir de forma consciente sobre os malefícios advindos da cibercultura que vivemos.

Por meio dos dados apresentados neste estudo, afirmamos que 95,9% dos discentes conhecem o bullying e 39,2% conhecem o cyberbullying, levando-nos a reconhecer que o fenômeno cyberbullying, ainda não é amplamente conhecido pelos alunos, por se tratar de um fenômeno mais recente e ainda não tão divulgado quanto o bullying.

Em relação a um segundo aspecto, de maior incidência de bullying que de cyberbullying, verificou-se que 4,0% dos sujeitos assumiram envolvimento com o cyberbullying, desempenhando papéis de agressores e vítimas, à medida que 28,0% admitiram-se ser agressores e 49,0% assumiram-se como vítimas de bullying. Encontrou-se no nosso estudo cibervítimas que desempenharam funções de agressores virtuais comprovando assim, a



inexistência tanto de um perfil específico de vítima, como as inversões de papéis que podem fluir entre os protagonistas do fenômeno virtual.

É possível compreender que o cyberbullying é um fenômeno muito próximo ao bullying, sendo bem mais complexo pelo estabelecimento de agressões no “intocável” e inimaginável cyberespaço. Assim, conforme Pinheiro (2009), esta nova forma de violência virtual está firmando suas raízes entre os estudantes transformando-se em uma ameaça à sociedade e convertendo-se como um problema mundial.

Quanto à ação da escola, os sujeitos apontaram a conscientização por meio de palestras, alertas e orientações sobre o uso da internet como ações mais eficazes. O melhor caminho para evitar o cyberbullying é estimular a conscientização e o respeito incondicional na humanidade em um meio social positivo na construção das suas características buscando ações responsáveis e solidárias que não interfiram na convivência harmoniosa entre pares no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- AMADO, João; MATOS, Amanda; PESSOA, Teresa. Cyberbullying: Um novo campo de investigação e de formação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, 10., 2009, Braga. **Anais eletrônicos...** Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2009. p. 262 - 273.
- BOZZA, Thais C. L. **Cyberbullying**: quando a violência é virtual: Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. 2010. 116 f. TCC (Graduação em Pedagogia) - Departamento de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- CEREZO, Fuensanta. Bullying: análisis de la situación en las aulas españolas. **International Journal of Psychology and Psychological Therapy**, Mércia, Espanha, v. 9, n. 3, p. 367-378, 2009.
- CRUZ, Ana Catarina C. **O Cyberbullying no contexto português**. 2011. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2011. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/dissertacao_mestrado_cyberbullying.pdf>. Acesso em: 13 set. 2011.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar pela paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.
- FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.



FAUSTINO, Raquel; OLIVEIRA, Tamires M. O Cyberbullying no Orkut: a agressão pela linguagem. In: SEMINÁRIO DE PESQUISAS DA GRADUAÇÃO, 5., 2008, Campinas. **Anais...** Campinas, SP, 2008. p.183-193.

FREIRE, Isabel P.; SIMÃO, Ana Maria V.; FERREIRA, Ana S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, Portugal, v. 19, n. 2, p. 157-183, 2006.

GROSSI, Patrícia K.; SANTOS, Andréia M. Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre. In: **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, Portugal, v. 2, n. 22, p. 249-267, 2009.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMQ, 1999.

LEMONS, Lúcia. O poder do discurso na cultura digital: o caso Twitter. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO, 2008, Maringá. **Anais eletrônicos...** Maringá, Paraná: JIE, 2008. p. 652- 663.

LÜDORF, Silvia Maria A. **Metodologia da pesquisa do projeto à monografia**. Rio de Janeiro: Shape, 2004.

MAIDEL, Simone. Cyberbullying: um novo risco advindo das tecnologias digitais. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (reid)**, Jaén, Espanha, n. 2, p.113-119, 2009. Disponível em: <<http://www.ujaen.es/revista/reid/revista/n2/RevistaNum2REID.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2011.

NEVES, José P.; PINHEIRO, Luzia. A emergência do cyberbullying: uma primeira aproximação. In: VI CONGRESSO SOPCOM/ IBÉRICO, 2009, Portugal. **Anais Eletrônicos...** Lisboa, Portugal: Ulusofona, 2009. p. 4962 - 4974. Disponível em: <http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/279/254>. Acesso em: 12 jan. 2011.

OLWEUS, Dan. Bullying at school: tackling the problem. **Revista Observer**, 225, 2001. Disponível em:<http://oecdobserver.org/news/archivestory.php/aid/434/Bullying_at_school:_tackling_the_problem.html>. Acesso em: 05 dez. 2016.

PÉREZ, Jorge Del R. [et al.]. Cyberbullying: uma análise comparativa com estudantes de países da América Latina: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE COMUNICAÇÃO E REALIDADE, 5., 2009, Pamplona. **Fórum Gerações Interativas**. Universidade de Navarra: Departamento de Comunicação Audiovisual e Publicidade e Literatura, 2009. p. 1 - 14.

PINHEIRO, Luzia O. **Cyberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica**. 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal, 2009.

PONTE, Cristina; CARDOSO, Daniel. Explorando perfis de vulnerabilidade para uma sensibilização do risco. Contributos do Projecto EU Kids Online. In: ENCONTRO DA ADOLESCÊNCIA, 17., 2009, Lisboa, Portugal. **Eu Kids Online**. 2009. p. 1 - 8. Disponível em:



<<http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/Ponte%20Cardoso%20Cyberbullying%202009.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2011.

PRODÓCIMO, Elaine [et al.]. Os adolescentes brasileiros e a violência entre pares na escola: o fenômeno visto de dentro para fora. **Interacções**, Brasília, v. 9, n. 25, p. 202-225, 2013.

PRODÓCIMO, Elaine, CEREZO, Fuensanta, ARENSE, Julián J.. Acoso escolar: variables sociofamiliares como factores de riesgo o protección. **Behavioral Psychology / Psicología Conductual**, La Rioja, Espanha, v. 22, n. 2, p. 345-359, 2014.

SAFERNET BRASIL. **Protegendo os direitos humanos na sociedade da informação**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.safernet.org.br/site/>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

SALMIVALLI, Christina; PEETS, Kätlin. Bullying en la escuela: un fenómeno grupal. In: ORTEGA, R. (Org.). **Agresividad injustificada, bullying y violencia escolar**. Madrid: Alianza Editorial, 2010. p. 81-104.

TOGNETTA, Luciene R. P.; VINHA, Telma P. Estamos em conflito: eu, comigo e com você: uma reflexão sobre o *bullying* e suas causas afetivas. In: CUNHA, Jorge Luis; DANI, Lúcia SaletteC.: **Escola, conflitos e violência**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2008. Disponível em: <<http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Educacao/Doutrina/Bullying%20Estamos%20em%20conflito.pdf>> Acesso em 05 dez. 2016.

Karen Regina Salgado – Rede Estadual de Ensino de São Paulo.
São Paulo | Brasil. Contato: karen_salgado@hotmail.com

Elaine Prodócimo – Universidade Estadual de Campinas –
Unicamp. Campinas | São Paulo | Brasil. Contato:
elaine@fef.unicamp.br

Artigo recebido em novembro de 2016 e
aprovado em dezembro de 2016